**2021: PARA QUEM QUER QUE SEJA SEJAMOS SAMARITANOS**

Uma bonita estória que um judeu incorrigível e marginal nos deixou. Incorrigível e marginal que até à sua própria família não atendeu, quando ela queria que ele não prosseguisse o seu caminho, nem aos seus amigos de juventude, mas seguiu um outro pedregoso e montanhoso e nos deixou, a nós cristãs e cristãos, a mesma cruz, com a certeza de um qualquer cireneu nos ajudará a conduzi-la. Este Jesus então contou, a todos e a todas que o seguiam que um dia um samaritano ia na sua cavalgadura pela estrada fora, talvez a pensar nos seus negócios, e encontrou um judeu. Um judeu maltratado que fora assaltado em plena estrada, ferido, sabe-se lá da gravidade das feridas, e que o clero, de então, do templo um sacerdote e levita, passaram por ele e fingiram que não o viram. Passaram adiante, dum dos seus, para não estarem a parar, a perder o seu tempo com a sua dor. Certamente, iriam a pensar nos seus negócios no templo de Jerusalém e que os romanos, os colonialistas de então, não lhes deixavam receber as receitas para sustento seu e das suas famílias. Compreende-se a situação, os sacerdotes e os levitas tinham tanto trabalho no seu exercício do poder – embora condicionados pelos romanos -, que tinham lá paciência para tratarem de um homem ferido. Mas, um inimigo samaritano não fez isso, embora avesso aos judeus, parou, tratou-lhe das feridas e levou-o consigo, deixando-o numa estalagem com a incumbência de tratarem dele, e quando regressasse pagaria todas as despesas. Esta estória é bonita, mas muito violenta, uma bofetada para todos que perguntaram a Jesus, quem era o seu próximo. Jesus não esteve com meias tretas e concluiu que o sacerdote e o levita eram irresponsáveis, não mencionou outros, mencionou estes, não só porque era da sua obrigação tratar do ferido, e eram servos dos servos de Deus. Atirou-lhes, como exemplo, um samaritano, um daqueles de que não se esperava isso. Foi muita atrevida esta estória de Jesus, que o iria colocar contra os senhores dos templos e, mais, não esteve com estratégias ou táticas com os senhores religiosos, chamou-os pelos seus nomes.

Há dias contaram-me uma história semelhante. Numa das dioceses da igreja católica romana, de um país, desta nossa humanidade, existe um membro do clero, viúvo, cuja doença das suas pernas não o deixa andar. A sua casa possui um andar, rés do chão e garagem. São muitas escadas para subir e descer que está à espera de ser operado. Um dos hospitais onde poderia ser operado pelo sistema de saúde desse país, privado, mas com ligações estruturais ao sistema público, não o pode operar, sem um pagamento como privado. O capelão desse hospital teceu tamanhas complicações para que a operação fosse apressada, e nada fez. Isto é passou adiante. Foi então para um hospital público, que opera melhor ou tão bem como o privado, mas que leva seu tempo. Após a operação terá um momento de alguns dias no hospital e depois regressará a casa, onde vive sozinho. Influências para não se passar ao lado deste membro do clero foram desenvolvidas, ele que deu a sua vida à igreja, até como missionário, e, agora, mereceria ser amparado. As autoridades cimeiras dessa diocese alertadas para o facto dizem não ser nada com a diocese, e que a segurança social do país funciona e remete o membro do clero para essas instituições. Ou, então, para estruturas criadas, as quais nada fizeram para estar com quem sofre, no caso do primeiro hospital. Como se alguém dessas instituições pudesse estar na casa desse membro do clero e ajudá-lo a subir e descer escadas. Este é o abandono dos que sofrem, ainda hoje, de todos aqueles que precisam, a não ser que se possa dar publicidade ao ato, a caridade colocada na mão direita, na medida em que a mão esquerda veja bem.

São duas situações: uma estória que Jesus conta e que o clero passa ao lado, outra é uma história, onde os mais altos responsáveis pela hierarquia da igreja, atiram de uns para os outros, como se fossem superiores a quem na estrada da vida sofre. Na segunda história, é o próprio clero que detém os poderes que marginaliza o sofrimento. Na primeira, foi marginalizado um homem, prostrado na estrada, mas, quem o seu inimigo socorreu-o.

Ainda não sei o fim da segunda história que contei, sei que outras pessoas se envolveram, não sei se ateus ou não, mas movidos pelo Espírito do Senhor acudindo a este membro do clero. Só que fica registado, desde já, que as estruturas da igreja, desde o primeiro nível da hierarquia ao ponto máximo, na diocese, têm consecutivamente passado ao lado. Ouvem, mas não escutam. Vêm, mas estão cegos. Preferem a boca calada, até que alguém se aproxime e lhe dê a mão, levando em boa parte do caminho a sua cruz, tal qual o cireneu levou a de Jesus. Ainda existem tantas pessoas que não se dizem seguidores de Jesus, e que estendem a mão!

Aqui fica o registo, que pode acontecer em qualquer diocese deste nosso universo, contrariando Francisco, bispo de Roma e papa. Ao mesmo tempo que o citam e falam na parábola do Bom Samaritano, não deixam que ela produza frutos nos seus corações de pedra, pelo seu poder clerical.

Nem todos são assim, porque há quem dê a vida pelos outros, como Óscar Romero, mas, também, há quem dê a vida por um sucesso alheio aos ensinamentos de Jesus.

Joaquim Armindo

Pós-Doutorando em Ecologia

Doutor em Ecologia e Saúde Ambiental

Diácono – Porto Portugal